



**RETORNO E PERMANÊNCIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA):
MOTIVOS E DESAFIOS**

Gustavo Henrique Ferreira Espinhara

E-mail: gustavoespinhara@hotmail.com

Maria José Gomes Cavalcante

E-mail: maria-jose.cavalcante@ufape.edu.br

Resumo: A pesquisa apresentada teve por objetivo investigar os motivos de retorno e de permanência de estudantes uma turma da Fase II da Educação de Jovens e Adultos (EJA). O artigo será enviado com as sugestões de alterações. A metodologia consistiu em uma pesquisa qualitativa e de campo, realizada em uma escola pública de ensino fundamental da Rede Municipal de Garanhuns – PE. Teve como participantes sete alunos da modalidade, com os quais realizamos uma entrevista semiestruturada. Os dados obtidos na coleta foram analisados sob a perspectiva da análise de conteúdo, conforme Bardin (2004). Os resultados da pesquisa indicam que, os alunos retornam à escola por questões relacionadas ao trabalho; à conquista da autonomia e o aprendizado. No que diz respeito a motivos de permanência na escola, os resultados apontam uma relação entre: (1) a prática realizada pela professora, desde as atividades até a relação afetiva que mantem com seus alunos; (2) os objetivos pessoais que os alunos visam alcançar por meio da escola: melhorias no trabalho e na sua autonomia enquanto cidadão. Tal resultado é de suma importância porque os professores atuantes da EJA poderão reforçar ou mudar o seu entendimento acerca da importância de suas práticas em sala de aula e como estas podem influenciar para a permanência ou para a evasão de seus alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Educação de Jovens e Adultos. Sujeitos. Retorno. Permanência na escola.

**RETURN AND STAY IN YOUTH AND ADULT EDUCATION: REASONS AND
CHALLENGES**

ABSTRACT: The research presented was aimed at investigating the reasons for the return and permanence of students in a group from Phase II of Youth and Adult Education. The methodology consisted of a qualitative and field research, carried out in a public elementary school in the Municipal Network of Garanhuns - PE. It had as participants seven students of the modality, with whom we conducted a semi-structured interview. The data obtained in the collection were analyzed from the perspective of content analysis, according to Bardin (2004).

Revista Educação e (Trans)formação, Garanhuns. v. 6, dez. 2021.

Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFape)

<http://www.journals.ufrpe.br/index.php/educacaoetransformacao/index>

The survey results indicate that students return to school for work-related issues; the achievement of autonomy and learning. With regard to reasons for staying in school, the results point to a relationship between: (1) the practice performed by the teacher, from the activities to the affective relationship she maintains with her students; (2) the personal goals that students aim to achieve through school: improvements in work and their autonomy as a citizen. This result is of paramount importance because the teachers who work at EJA will be able to reinforce or change their understanding of the importance of their practices in the classroom and how they can influence the permanence or evasion of their students.

Keywords: Youth and Adult Education. Subjects. Return. Staying at school

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto de toda uma relação afetiva com o público da EJA. Esta relação foi descoberta em dois momentos distintos: ao cursarmos a disciplina Educação de Jovens e Adultos e durante período de nove meses de contato direto com uma turma de EJA durante o estágio remunerado.

Além de nossa vontade pessoal em realizar uma pesquisa abordando a temática de permanência na EJA, foi-nos possível constatar por meio de um levantamento das publicações da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) que existem vários estudos sobre a evasão nesta modalidade de ensino, mas não encontramos nenhum que abordasse diretamente a permanência dos estudantes da EJA

Segundo Cruz e Cruz (2016) a evasão na EJA é um complexo fenômeno social que atravessa as salas da modalidade, e que os motivos associados à evasão vão muito além do próprio aluno. Conforme Mileto (2009):

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) possui como uma das suas características mais marcantes e negativas o elevado número de alunos que desistem antes de completar a etapa da escolaridade em que estavam matriculados. As estatísticas sobre os percentuais de evasão na EJA comprovam de forma incisiva e dramática essa realidade. (MILETO, 2009, p.10)

As afirmações dos autores nos alertam para o problema/desafio que a evasão na EJA tem se constituído, ao ponto de se tornar uma de suas características. Diante deste contexto, faz-se necessário discutir, não apenas sobre evasão e os seus motivos, mas também sobre os motivos de permanência, para que refletindo sobre estes, possa-se implementar ações de permanência mais efetivas nas escolas.

Neste sentido, inquietou-nos saber: (1) Quais os motivos de retornos dos alunos da EJA à escola? (2) Quais os motivos de sua permanência? (3) Há correlação entre o processo de ensino e a permanência dos alunos?

Com base nestas indagações, tivemos seguinte objetivo geral para a pesquisa: investigar os motivos de retorno e permanência dos alunos da EJA na escola. E, como objetivos específicos: caracterizar o perfil do aluno que tem permanecido até a 2ª Fase da EJA; identificar as expectativas dos alunos em relação à escola; conhecer os motivos de retorno e permanência dos alunos na escola; verificar se há correlação entre o processo de ensino implementado e a permanência nos estudos.

1. SUJEITOS DA EJA

Quando se trata de sujeitos da EJA, o senso comum logo nos leva a pensar que são sujeitos de trajetória escolar fracassada, sujeitos que por um motivo qualquer deixaram os seus estudos e resolveram voltar à escola na fase adulta. Esta visão pejorativa dos sujeitos da EJA não é recente, foi construída historicamente, devido a fatores como a ausência de políticas e execução de campanhas de natureza assistencialista, que existiram e existem no Brasil (PAIVA, 1973), assim contribuindo para esta visão negativa do sujeito da EJA, que, muitas vezes, o considera como único responsável pelo seu “fracasso escolar”.

Ainda nesta perspectiva Prado e Reis (2012) afirmam que os jovens e adultos embora sejam atores sociais, ou seja, membros participativos na construção da sociedade em que vivem, muitas vezes estes são desvalorizados, discriminados e estigmatizados por fazerem parte do grupo dos analfabetos ou pouco escolarizados, sendo excluídos da vida social por não terem domínio da leitura e escrita.

Arroyo (2011) discutindo sobre quem são os jovens e adultos da EJA, aponta que devemos ter um olhar mais atento e específico para estes jovens e adultos, um olhar diferente do mencionado anteriormente. Conforme o autor, devemos ver estes alunos como pessoas atuantes, que já estão inseridas na sociedade de alguma forma e que possuem conhecimentos de vida, experiências e opiniões construídas no decorrer de sua vida.

Assim como estudantes de outras modalidades, os estudantes da EJA também possuem peculiaridades e neste sentido Oliveira (2001) nos aponta algumas peculiaridades destes jovens e adultos:

O Adulto, para a educação de jovens e adultos (...) é geralmente o migrante que chega às grandes metrópoles provenientes de áreas rurais empobrecidas, filho de trabalhadores rurais não qualificados e com baixo nível de instrução escolar (muito frequentemente analfabetos), ele próprio com uma passagem curta e não sistemática pela escola e trabalhando em ocupações urbanas não qualificadas, após experiência no trabalho rural na infância e na adolescência, que busca a escola tardiamente para alfabetizar-se ou cursar séries do ensino supletivo. E o jovem, relativamente recentemente incorporado ao território da antiga educação de adultos, não é aquele com uma história de escolaridade regular, o vestibulando ou o aluno de cursos extracurriculares (...). (...) ele é também um excluído da escola, porém geralmente incorporado aos cursos supletivos em fases mais adiantadas da escolaridade, com maiores chances, portanto, de concluir o ensino fundamental ou mesmo, o ensino médio. É bem mais ligado ao mundo urbano, envolvido em atividades de trabalho e lazer mais relacionadas com a sociedade letrada, escolarizada e urbana. (OLIVEIRA, 2001, p. 15-16)

Ainda falando sobre a singularidade do sujeito da EJA, Vóvio (2010) afirma que os jovens e adultos da EJA formam um grupo bastante heterogêneo, tanto no que diz respeito a seus ciclos de vida como no que diz respeito a questões mais particulares como personalidade e identidade de cada um deles.

2. PERMANENCIA NA EJA: O QUE REVELAM OS ESTUDOS?

Em leitura dos documentos oficiais, mais precisamente a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), Lei 9394/96, em seu Art. 37, declara que a EJA se tornou uma modalidade de ensino gratuita destinada a jovens e adultos que não tiveram acesso ou continuidade no Ensino Fundamental e no Ensino Médio na idade regular. Esta modalidade deveria, ainda, de acordo com o inciso primeiro, considerar as características e interesses do alunado, suas condições de vida e criar oportunidades de aprendizado apropriadas para estes jovens e adultos.

No que diz respeito à permanência dos alunos da EJA, o inciso segundo do Art. 37 da LDB se faz claro afirmando que é dever do Poder Público viabilizar o acesso dos jovens e adultos à respectiva modalidade de ensino, ainda, estimular a permanência dos mesmos na escola por meio de ações integradas e complementares entre si. É de se esperar, portanto, que o Poder Público, em suas diferentes esferas (federal, estadual e municipal) e em parceria, venha propor e implementar ações, como auxílio financeiro (bolsa), merenda e transporte escolar que viabilizem a permanência dos alunos da EJA; que proporcione à escola condições para que esta se adapte as peculiaridades dos jovens e adultos. Além disso, trata-se de pensar com cuidado nos profissionais e materiais destinados para a EJA e ainda garantir condições ideais para escola

trabalhar de acordo com objetivos e especificidades de seus alunos, garantindo assim, maiores índices de permanência na referida modalidade.

Em rastreo sobre trabalhos acerca da permanência dos jovens e adultos na EJA, foi-nos possível constatar que este campo carece de pesquisas, uma vez que são ainda poucas as realizadas nos últimos anos. Dentre as pesquisas que foram localizadas, destacamos duas pesquisas abaixo descritas.

A pesquisa realizada por Oliveira (2011) teve como objetivo entender o porquê os alunos em processo de alfabetização da EJA permaneciam nos estudos, mesmo encontrando desafios e percalços no dia a dia.

A autora realizou uma pesquisa de campo de cunho qualitativo e coletou dados através de observações sistemáticas de duas turmas de EJA em fase de alfabetização de escolas da rede pública do município de Belo Horizonte. Além de observações, Oliveira (2011) realizou leituras da Proposta Político-Pedagógica do Projeto EJA/BH com intuito de análise, e por fim realizou entrevistas semiestruturadas com as professoras e alunos das turmas observadas.

Para definição do campo da pesquisa, a autora escolheu, entre 19 turmas disponibilizadas nas mais variadas escolas do município, aquelas nas quais os alunos tinham maior frequência em um determinado período de tempo do ano letivo.

Ao analisar os dados de sua pesquisa a referida autora de forma geral apresenta os seguintes resultados, os alunos permanecem na EJA por motivos variados, sendo eles: (1) Qualificação para o mercado de trabalho; (2) Questões voltadas para o aprendizado; (3) Prática pedagógica considerada apropriada; (4) O bom convívio em sala de aula entre alunos e professora.

Continuando a discussão sobre permanência na EJA apresentamos agora um segundo estudo realizado por duas autoras Cruz e Cruz (2016), esta pesquisa teve como seu objetivo principal: analisar os aspectos que fazem com que os estudantes da EJA permaneçam na escola.

Para obter respostas para a problemática da pesquisa Cruz e Cruz (2016) realizaram uma pesquisa qualitativa e de campo. A coleta de dados foi realizada através de dois instrumentos de coleta: (1) Observação; (2) Entrevistas semiestruturadas. Foram realizadas um total de 10 observações e as entrevistas foram realizadas com dois professores e com 10 alunos.

O campo da referida pesquisa foi uma escola da rede de ensino pública de Jaboatão dos Guararapes que ofertava o primeiro segmento da EJA, contemplando os módulos II e III. Para

realizar a delimitação do campo de pesquisa, as autoras utilizaram como critérios a boa frequência dos alunos e alunas, e observação das práticas professores da turma.

Analisando os dados sobre a permanência dos alunos da EJA na escola Cruz e Cruz (2016) apresentam de forma geral os seguintes resultados: (1) Metodologia dos professores; (2) Incentivo à frequência dos alunos; (3) Relação afetiva entre professores e alunos (4) Motivação própria por parte dos alunos.

As pesquisas descritas acima, foram realizadas em períodos diferentes, em locais diferentes e com pessoas diferentes, entretanto as pesquisas concordam nos pontos relacionados aos motivos que fazem com que os jovens e adultos permaneçam na EJA. Tanto na primeira, como na segunda pesquisa, não existe um único motivo para permanência dos alunos, mas, um conjunto de motivos, que envolvem: os objetivos pessoais dos alunos com a escola; a prática adequada dos professores, que não infantilizam os seus alunos; e por fim um ciclo de relações positivas entre escola, professores e alunos.

Com a descrição das pesquisas acima, pudemos contatar que os motivos que fazem com que os alunos da EJA permaneçam na escola não são apenas próprios dos alunos, como por exemplo a vontade de aprender a ler e escrever. Os motivos de permanência na EJA vêm de uma união entre escola, professores e alunos. Os alunos compreendendo os seus objetivos com a educação e a escola juntamente com os professores se unem de forma em que possam atender as necessidades destes alunos de acordo com suas especificidades. Assim gerando um ambiente agradável e favorável para a realização dos objetivos dos alunos, resultando assim nas suas permanência.

Esta pesquisa diferente das mencionadas acima, pois esta foi realizada em outra cidade o que pode implicar diferenças culturais dos alunos. O presente artigo foi realizado com um grupo de sete alunos de uma turma da 2º fase da EJA, onde tentamos entender os motivos de permanência dos alunos tão como os motivos de retorno à escola.

4. METODOLOGIA

Para alcançar esses objetivos, optamos em realizar uma pesquisa de campo, pois só com a ida ao campo e com um contato mais próximo com os sujeitos da pesquisa, conseguiríamos de fato entender o fenômeno pesquisado, porque, como afirma Gonsalves,

A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas [...] (GONSALVES, 2001, p.67).

A abordagem utilizada na pesquisa foi a abordagem qualitativa, pois esta, não se reduz apenas a dados quantitativos e associada com a pesquisa de campo nos permite uma visão mais concreta das ações dos sujeitos da pesquisa através de uma aproximação sistemática dos mesmos.

Para a realização da coleta de dados, optamos pela entrevista semiestruturada, esta por sua vez, parte de questionamentos básicos relacionados à problemática da pesquisa nos permitindo as mais amplas interrogativas. Este tipo de instrumento nos permite também que no momento de sua realização tenhamos liberdade para mudar o tipo do questionamento de acordo com a reação do sujeito entrevistado, pois quando bem executado muito se assemelha a uma conversa amigável, assim fazendo com que o entrevistado se sinta à vontade para expressar suas opiniões acerca dos questionamentos levantados (MANZINI, 1991 p. 154).

As entrevistas foram realizadas nos meses finais do ano de 2018, com o intuito de ter acesso aos alunos que realmente permaneceram na escola. Para a captação das respostas dos alunos utilizamos gravador de áudio, mantendo assim o contato direto entre entrevistador e participantes.

Para escolha do campo de pesquisa, primeiramente, fizemos um levantamento junto à coordenação da EJA da Secretaria de Educação de Garanhuns das escolas que ofertavam a Fase II da EJA e tinham bons índices de frequência dos alunos. Com as devidas permissões concedidas pela Coordenação, nos dirigimos às escolas indicadas para verificar aquela que tinha uma turma com maior número de alunos frequentando.

Optamos por estudantes da Fase II, pois, estes concluíram a primeira Fase e continuaram com os estudos, nos levando a crer que estes alunos tinham clareza de seus motivos de permanência na escola. Da turma selecionada, escolhemos sete alunos que tinham a maior frequência, por acreditar que estes estariam mais envolvidos com o processo de ensino.

Para análise dos dados, optamos por análise de conteúdo embasados em Bardin (2004), onde organizamos nossa análise em três etapas: pré-análise: organizamos o material coletado nas entrevistas e realizamos a leitura flutuante do mesmo; exploração do material: a partir da

leitura mais atenta, criamos categorias da análise e por fim o tratamento dos resultados e sua interpretação.

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste tópico, realizaremos uma discussão sobre dados da pesquisa, apresentando, inicialmente, o perfil dos estudantes entrevistados. Em seguida, apresentaremos a análise das respostas dos mesmos apreendidas por meio de entrevista, organizadas em categorias de análise, a saber: “Retorno à escola” e “Permanência na escola: motivos e desafios”.

5.1. ESTUDANTES DA EJA: QUEM SÃO?

Dando início a esta análise, no Quadro 1, apresentamos a caracterização dos participantes da pesquisa. Foram sete estudantes de uma turma da Fase II da EJA de uma escola da rede municipal de Garanhuns.

Quadro 1: Caracterização dos estudantes da EJA

Participante ¹	Idade	Sexo	Religião	Cor	Profissão	Filho	Estado Civil
Alberto	31	Masculino	Católico	Preto	Serviços gerais	Não	Solteiro
Bruna	34	Feminino	Evangélica	Parda	Dona de Casa	01	Solteira
Carla	38	Feminino	Evangélica	Parda	Agricultora	03	Solteira
Diego	31	Masculino	Católico	Pardo	Ajudante de Caminhoneiro	Não	Solteiro
Eduarda	40	Feminino	Evangélica	Morena	Doméstica	Não	Solteira
Fernando	59	Masculino	Católico	Moreno	Pedreiro	02	Casado
Giovana	37	Feminino	Católica	Morena	Agricultora	02	Solteira

Fonte: Elaborado pelos autores.

Como podemos verificar no Quadro 1, a pesquisa contou com a participação de sete estudantes, sendo três homens e quatro mulheres, com idades entre 31 a 59 anos de idade, sendo todos adultos. Em função desta faixa etária, de acordo com D’Andrea (2006), estes alunos estão no processo de maturidade, no qual tem de “enfrentar” responsabilidades em relação a si mesmo

¹ Os participantes receberam codinomes garantido o anonimato dos mesmos

e a sociedade, tais como questões profissionais, questões conjugais e de paternidade/maternidade.

Todos os alunos se declararam cristãos, sendo frequentadores de igrejas católicas ou evangélicas. E, em relação à raça, três alunos se declararam morenos, três pardos e apenas um se declarou como preto. Observando as características apresentadas no Quadro, podemos ratificar a afirmação de Vóvio (2010), ao tratar sobre a singularidade do sujeito da EJA:

O que se pode afirmar é que formam um grupo bastante heterogêneo, tanto no que diz respeito aos ciclos de vida em que estão, as suas biografias e identidades, as suas disposições para aprender, as suas necessidades formativas, como em relação às representações sobre o ler e escrever, os conhecimentos e as habilidades construídos em suas experiências de vida. (VÓVIO, 2010, p.68)

Dos sete participantes, apenas um não exerce atividade remunerada, os outros seis trabalham com as mais variadas profissões, sendo elas: agricultor, ajudante de caminhoneiro, ajudante geral, empregada doméstica e pedreiro. A maioria deles está inserido no mercado de trabalho informal, sendo sujeitos ativos na sociedade em que vivem, mas ocupando profissões que muitas vezes são desvalorizadas socialmente, sendo vistos apenas pela ótica do fracasso escolar. Conforme Prado e Reis (2012) afirmam:

“(...) são atores sociais que, enquanto membros de uma sociedade, vivenciam tal experiência ativamente, ou seja, são pessoas que ajudam a construir, cotidianamente, a história da sociedade em que vivem”. Contraditoriamente, esses trabalhadores são desvalorizados, discriminados e estigmatizados por fazerem parte de um grupo dos analfabetos ou pouco escolarizados, daqueles que são excluídos, muitas vezes, da vida social por não dominarem as habilidades de leitura e escrita. (PRADO E REIS, 2012, p. 4)

Dos sete participantes, apenas, dois não tem filhos, um tem filhos já na fase adulta. Os outros quatro participantes declararam ter filhos que, atualmente, estão matriculados no ensino fundamental em anos variados. Isto indica, possivelmente, que mesmo não tendo ou tendo pouca escolaridade, os alunos não permitiram que seus filhos vivenciassem a mesma trajetória escolar que eles.

Todos estes participantes alegaram durante as entrevistas que não são “bem vistos” por alguns de seus colegas de trabalho, de bairro por estarem iniciando seu processo de escolarização ou por não saberem ler ou escrever e que por isso já ouviram comentários depreciativos, como estes:

“(...) Comentei com um colega meu que estava cansado e ainda ia para escola e ele deu uma risada e disse: agora agente, não quis estudar na época certa.” (Alberto).

“(...) Eu estava tentando ler um papel que me deram na rua, ler do meu jeito sabe? E uma pessoa que estava comigo disse coisa linda nesta idade sem saber ler, os meus meninos já sabem”. (Fernanda).

Na fala dos dois participantes acima, podemos notar claramente que algumas pessoas atribuem toda a culpa da “pouca escolarização” dos alunos da EJA a eles mesmos, como se eles tivessem optado em não frequentar a escola, em não aprender a ler e a escrever, em ser marginalizado e excluído de uma sociedade. Contrariando esta concepção, Arroyo (2005) defende que muitas vezes estas pessoas foram forçadas abandonar a escola na infância por ser esta a única opção que lhes restou, por conta de vários motivos, inclusive a própria sobrevivência.

Arroyo (2011) discutindo, ainda, sobre quem são os sujeitos da EJA, afirmou que devemos enxergá-los de modo diferente do que estes vem sendo vistos historicamente pela sociedade e, inclusive, pela escola. Neste sentido, o autor propõe a superação da visão dos alunos da EJA apenas como pessoas de trajetórias escolares fracassadas ou incompletas para vê-los como sujeitos que já possuem uma densa bagagem de conhecimentos de vida, que podem e devem ser considerados como pessoas (cidadãos) e que merecem uma educação que se alinhe com as suas peculiaridades, suas expectativas e necessidades. A mudança no modo de ver e conceber o aluno da EJA fará com que a escola se torne um ambiente acolhedor, pois o mesmo irá se sentir respeitado.

5.2 RETORNO À ESCOLA

Nesta categoria analisamos os motivos que fizeram com que os participantes retornassem à escola quando adulto e os desafios que enfrentaram para esse retorno.

Todos os participantes tinham motivos claros para ingressar/retornar à escola, na atualidade. A maioria teve como motivo de retorno questões que envolviam melhorias no trabalho, mostrando que estes alunos têm completa noção da importância do trabalho para a vida do cidadão. E, o segundo maior motivo foi vinculado às questões relacionadas à busca da autonomia. Vejamos os comentários dos alunos:

“Olhe, o motivo foi que eu fui fazer uma conta na Caixa, ai tinha que assinar e eu não soube fazer; o rapaz teve que escrever para eu conseguir, ai eu fiquei com vergonha e voltei a estudar, pelo menos para aprender a assinar o meu nome.” (Bruna)

“(...) Ter um conhecimento melhor e arrumar um trabalho melhor. Quero aprender mais, porque eu não sei muita coisa não. Eu queria estudar mais para fazer um concurso público, a questão mesmo e de ter um emprego melhor.” (Eduarda)

“Para a gente ir na rua, tem que ir mais uma pessoa, porque a gente não sabe andar né, tem que saber o nome das lojas para entrar né, essas coisas assim. Também por questão de emprego porque hoje em dia só se tem emprego se tiver estudos.” (Giovana)

Cada motivo com sua particularidade, mas todos em torno de uma possível melhoria de vida, seja por meio da conquista da autonomia ou de um trabalho melhor, para que estes, tenham através destas conquistas mais tempo para ficar com sua família, uma condição financeira que possa garantir um maior conforto para sua vida e tenham a liberdade de resolver suas próprias necessidades, como: abrir uma conta em banco, conseguir ler o destino de um ônibus ou um letreiro de promoção de um produto que seja do seu interesse.

Quando perguntados sobre dificuldades para o retorno à escola, tivemos três alunos que disseram que não encontraram nenhum problema para retornar. Dois alegavam problemas com distância entre sua residência e a escola:

“(...) a escola é longe, é muito complicado, porque o cara sair da Cohab 2 para vir aqui é complicado. O cansaço do trabalho e distância!” (Fernando)

“Bom, a dificuldade que eu encontrei foi a distância de onde eu moro para cá, que eu moro na Cohab 2 e aqui é longe e geralmente eu vou e volto a pé. Fora isso não lembro de mais nada.” (Bruna)

Com estas respostas é inevitável o surgimento de uma dúvida, onde está o poder público que não oferece um transporte para estes alunos? Já que não existe a modalidade ofertada em uma escola próxima a sua casa. O aluno tem que se deslocar muitas vezes andando de um bairro para outro até chegar à escola, como é o caso de Bruna e Fernando. Esta ausência de transportes ou de uma escola mais próxima, nos mostra com toda certeza uma enorme força de vontade dos alunos para superar todos estes desafios em busca da realização de seus objetivos através da educação.

Um dos alunos alegou que o principal desafio foi a vergonha:

“A vergonha, a vergonha de estudar, a minha idade já, porque uma pessoa da minha idade com o pouco estudo, quase não sei ler nem escrever, meu sobrinho de 14 anos já está numa oitava série eu me sentia um pouco envergonhado com isso.” (Diego)

Ao observarmos esta resposta deste participante, é difícil não pensar que mesmo já sendo uma pessoa que atuante na sociedade, por meio do seu trabalho e de outras atribuições como cidadão, Diego se envergonhava de sua pouca escolarização. Galvão e Di Pierro (2013) nos apontam que esse sentimento de vergonha, que atinge jovens e adultos que não sabem ler ou escrever, é causado porque o analfabetismo é visto como uma questão individual de fracasso e não por uma questão de exclusão social e de violações de direitos coletivos como o da educação, alimentando, assim, a discriminação com estes jovens e adultos com pouca ou nenhuma escolarização.

A aluna Eduarda alega que o seu principal desafio foi o horário de trabalho:

“O meu trabalho, porque eu saio de casa cedo, saio de casa a 06h00min de casa e saio do trabalho às 18h 00min do trabalho, aí, se torna cansativo demais para vir para a escola.” (Eduarda)

Mais uma vez a força de vontade para com a própria educação, mesmo enfrentando uma rotina cansativa para garantir sua ocupação rentável, Eduarda encontra energia para frequentar a escola.

Tendo em vista que a maioria dos participantes da pesquisa exerciam atividades remuneradas, perguntamos sobre os seus patrões, no caso, se estes os incentivaram a retornar à escola. Todos responderam afirmativamente:

“Incentivam a estudar, dizem sempre que não pare não, agora que comecei devo ir até o fim eles dizem no trabalho, eles apoiam muito eu ter voltado a estudar e me dão conselhos para não parar!” (Carla)

“Eles acham bom, e dizem que sou uma guerreira, porque eu chego cedo no trabalho e ainda quando saio vou para escola e não é todo mundo que quer isso para si, eles me apoiam, dizem que eu devo sim terminar meus estudos e quem sabe futuramente fazer uma faculdade.” (Eduarda)

“Eles acham uma boa coisa né, porque se a pessoa não der um passo para frente só vai ficar para trás né. Todos eles elogiam minha atitude e vontade. Meu patrão nunca me atrapalhou com meus horários e nunca me chamou para fazer hora, ele entende que tenho meu compromisso a noite.” (Fernando)

Nos recortes acima, pudemos perceber que de alguma forma os patrões destes jovens e adultos compreendiam a importância da educação escolar para a vida de seus funcionários e os incentivavam a continuar com os seus estudos, aconselhando-os.

5.3 PERMANENCIA NA ESCOLA: MOTIVOS E DESAFIOS

Nesta última categoria analisamos os principais motivos que fazem com que os alunos entrevistados permaneçam na escola, mesmo com os desafios que eles enfrentam no dia a dia.

Dos seis dos sete participantes permanecem na escola com um objetivo muito claro: o trabalho. Mais uma vez o trabalho aparece como fator importante na tomada de decisão sobre a vida escolar destes jovens e adultos.

Ao serem questionados sobre quais os principais motivos que os fazem permanecer na escola, os participantes responderam de forma decidida, conforme os recortes:

“Trabalho, eu quero um melhor trabalho.” (Alberto)

“Quero aprender para conseguir um emprego, assim eu vou ajudar com dinheiro em casa, e vou ficar mais independente para comprar minhas coisas, sem pedir nada a ninguém.” (Bruna)

“Eu já trabalho, mas queria um trabalho que não fosse na casa de ninguém, uma coisa não tão pesada, que eu ganhasse melhor e pudesse passar mais tempo em casa!” (Eduarda)

Observando as respostas dos alunos entrevistados, podemos analisar facilmente que o motivo principal para a permanência destes alunos é o trabalho. Isto nos mostra, mais uma vez, a preocupação destes alunos com a melhoria de suas atividades remuneradas, mostrando também a plena consciência destes para a importância que o trabalho tem na vida. Outro aspecto que observamos é que os alunos veem a escola como o caminho para conseguir alcançar os seus objetivos, por isso a despeito das dificuldades tomam a decisão de se manter na escola.

Carla, a única do grupo que apontou um motivo de permanência diferente, foi decidida e objetiva ao comunicá-lo em só palavra: “aprendizado”. Seu motivo revela, que apesar de já ter uma bagagem de conhecimentos construídos nas práticas cotidianas, Carla deseja o conhecimento que só pode ser adquirido na escola, por ser este reconhecido e valorizado socialmente.

Quando perguntados se existiam desafios para continuar na escola, três participantes afirmaram que o maior desafio que encontravam para permanecer na escola era a distância entre a residência e a mesma. Outros dois participantes afirmaram que o maior desafio era o cansaço acumulado do dia de trabalho. Giovana afirmou que, às vezes, encontrava problemas por não ter com quem deixar o seu filho. Em suas palavras:

*“A distância! Praticamente atravesso um bairro inteiro para vir a aula”
(Bruna)*

“A distância. O caminho é longo e perigoso” (Fernando)

“O trabalho que é muito cansativo, às vezes a gente chega muito cansado e isso acaba atrapalhando.” (Diego)

“Quando eu não tenho com quem deixar o meu menino, ai complica bastante e acabo faltando.” (Giovana)

Com exceção de Alberto, todos os participantes enfrentam algum desafio para estar na sala de aula. O que nos chama a atenção é a determinação e força de vontade destes jovens e adultos, para enfrentar todos estes desafios e ir até a escola. A vontade de aprender para melhorar a vida deles supera em tamanho os problemas listados acima.

Finalizando a entrevista, indagamos sobre a contribuição da prática da professora na permanência dos alunos na escola, todos os alunos responderam que gostavam muito da prática da professora e afirmaram também que se fosse diferente provavelmente eles já teriam abandonado a escola:

“Gosto sim, eu amo as aulas dela. Sem falar que ela é muito amiga. Se perceber que estou mal ela vem falar comigo, procura saber o que tenho. E quando ela vai ensinar eu consigo entender o que ela quer falar. O que mais gosto dela é a sinceridade e o companheirismo. Se ela não fosse assim eu acho que procuraria outra escola porque ia ser ruim estudar.” (Alberto)

“Com certeza! É uma ótima professora! Gosto muito da atenção que ela tem com a gente na sala, nos respeita e gosto de como ela ensina, o jeito ajuda a aprender, ela presta atenção na gente. É difícil imaginar ela de outra forma, mas tenho quase certeza que sairia da escola se ela não fosse como é.” (Carla)

Com os recortes acima, podemos perceber que a professora dos participantes da pesquisa é uma agente importantíssima na permanência destes alunos na escola, pois todos elogiaram a sua prática, principalmente, no que diz respeito à atenção que mesma tem com eles. Isto demonstra a necessidade que esses alunos têm de ser apoiados e, principalmente, valorizados na escola, na sala de aula. Podemos pelos depoimentos, ainda, inferir que a professora, de certa forma, sabe que cada ação dela influencia na aprendizagem de seus alunos e por isso os trata com tanto respeito e carinho. Neste sentido, Zabala (1998) afirma:

É preciso insistir que tudo quanto fazemos em aula, por menor que seja, incide em maior ou menor grau na formação de nossos alunos. A maneira de organizar a aula, o tipo de incentivos, as expectativas que depositamos, os materiais que utilizamos, cada

uma destas decisões veicula determinadas experiências educativas [...] (ZABALA, 1998, p. 29).

Assim sendo, os professores da EJA devem estar cientes que sua ação e suas escolhas pedagógicas podem influenciar a (não) permanência de seus alunos. Com isto não queremos atribuir toda a responsabilidade ao professor, mas queremos enfatizar novamente a importância de seu papel no processo de permanência do aluno na escola.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização deste estudo, foi-nos possível verificar o problema que a evasão se constitui no contexto da EJA, bem como que temáticas relacionadas à permanência dos alunos desta modalidade ainda são pouco pesquisadas, o que justifica a relevância desta pesquisa, neste contexto.

A partir dos objetivos apresentados para o estudo traçamos algumas considerações:

De acordo com esta pesquisa os jovens e adultos que tem permanecido na Fase II da EJA são, em sua maioria, homens e mulheres cristãos, com idade acima de 30 anos. No que diz respeito às questões familiares, alguns destes já tem filhos e são casados oficialmente, outros vivem com seus parceiros(as) mas não são casados de forma oficial. Ainda traçando um perfil destes jovens e adultos que permanecem na escola, pode se constatar que a grande maioria exerce uma atividade remunerada, nos mostrando uma grande força de vontade destes alunos em frequentarem a escola mesmo após uma cansativa jornada de trabalho.

Ao analisar os dados coletados foi constatado que os jovens e adultos retornam à escola por acreditarem que com os estudos podem alcançar objetivos pessoais como, trabalho, autonomia e aprendizado. Ou seja, estes jovens e adultos tem grandes expectativas e eles veem na escola e na educação possibilidades de melhorias em suas vidas, através de sua formação escolar, conseguirem um emprego melhor por exemplo.

Já no que diz respeito à permanência, os motivos para que esta aconteça, vão além dos objetivos pessoais dos alunos. Nesta pesquisa foi comprovado que além dos motivos que os alunos almejam alcançar por meio da educação escolar, eles permanecem na escola porque tem uma professora que faz com que os mesmos não deixem de acreditar na educação como ponte para alcançar os seus objetivos. A prática da professora tem influenciando a vontade destes alunos em permanecerem na escola e fez com que estes jovens e adultos enfrentassem desafios como, o cansaço de um longo dia de trabalho, a distância entre sua residência e a escola, nos

mostrando que a prática dos profissionais que atuam na EJA é de grande importância para o sucesso dos alunos.

Em momentos das entrevistas vários dos participantes da pesquisa declararam que se a prática da professora fosse diferente eles já teriam desistido ou procurado outra escola para estudarem.

Mas, o que há de tão especial na prática desta professora? Conforme relatos dos próprios alunos entrevistados, a professora, usa de uma linguagem que é própria dos alunos, não os infantiliza, e os respeita enquanto adulto que já tem uma densa bagagem conhecimentos de vida; que a professora conhecia muito bem os seus alunos e sabia quais os objetivos deles com a escola, com isso trabalhava de acordo para que os alunos se sentissem atendidos no que diz respeito às suas necessidades, necessidades essas que começam no acolhimento diferenciado, pois, muitos desses alunos chegam a escola cansados de um longo dia de trabalho, necessidade de atividades/linguagem não infantilizada, com isso criando em sala um ambiente onde os alunos se sentem respeitados enquanto adultos. Concluímos, então, que neste caso, os alunos retornam a escola por objetivos próprios e permanecem também por estes objetivos, mas, é importante também considerar prática da professora quando se fala em permanência na EJA, pois, foi através desta que os jovens e adultos entrevistados se sentiram acolhidos e respeitados dentro da escola.

Consideramos esta pesquisa importante também porque os professores atuantes da EJA, que tiverem contato com ela, poderão compreender melhor as razões de retorno e permanência de seus alunos na escola, bem como poderão refletir acerca da importância de suas práticas em sala de aula e como estas podem de alguma forma influenciar na permanência de seus alunos.

6. REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G. Educação de Jovens-Adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, L., GIOVANETTI, M. A. & GOMES, N.L. **Diálogos na educação de jovens e adultos**. . – 4 ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 3 ed. Lisboa: Edições 70 LDA, 2004.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional**. Brasil, 1996.

CRUZ, A. P. V. e CRUZ, M. F. V. **Os motivos que levam os estudantes da EJA a permanecerem na escola.** 2016. Trabalho de Conclusão de Curso. UFPE, 2016.

D'ANDREA, F.F. **Desenvolvimento da personalidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

GALVAO, A. M. de O.; DI PIERRO, M. C. **Preconceito contra o analfabeto.** SP: Cortez Editora, 2013

GONSALVES, E. P. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica.** Campinas, SP: Alínea, 2001.

MILETO, L. F. M. **"No mesmo barco, dando força, um ajuda o outro a não desistir" - Estratégias e trajetórias de permanência na Educação de Jovens e Adultos.** 2009. 216 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social.** Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

OLIVEIRA, M. K. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. In: RIBEIRO, V. M. **Educação de Jovens e adultos: novos leitores, novas leituras.** São Paulo: Mercado das Letras, São Paulo: Ação Educativa, 2001.

OLIVEIRA, Paula C. S. **ALFABETIZANDOS/AS NA EJA: As razões da permanência nos estudos.** 2011. Dissertação de Mestrado. Pós-Graduação em Educação. Belo Horizonte. UFMG, 2011.

PAIVA, V. P. **Educação popular e Educação de Adultos/ Contribuições à história da educação brasileira.** São Paulo: Edições Loyola, 1973.

PRADO, Di P. F.; REIS, S. M. A. O. Educação de jovens e adultos: o que revelam os sujeitos? In: **Anais do XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP** – Campinas, 2012.

VÓVIO, C. L. Formação de educadores de jovens e adultos: a apropriação de saberes e práticas conectadas à docência. In: DALBEN, Ângela et al. **Coleção didática e prática de ensino.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar.** trad. Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: ArtMed, 1998.